



## Entrevista

*Leda Paulani / Economista*

# Desenvolvimento ganha espaço no Lula II, mas modelo não muda

Em seu novo livro, *Brasil Delivery* (Boitempo), a presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SBEP), Leda Paulani, dispõe-se a entender as razões que levaram o governo Lula a uma guinada conservadora, desde o primeiro mandato, e as consequências da política neoliberal abraçada pelo presidente. Nesta entrevista exclusiva ao MONITOR MERCANTIL, ela critica a transformação do país em uma “plataforma de valorização financeira internacional” e o abandono das perspectivas de desenvolvimento e soberania.

Leda classifica o modelo econômico como esquizofrênico: “Chega a ser uma contradição destinar alguns recursos adicionais para infra-estrutura e, de outro lado, matarmos o desenvolvimento com essa política cambial. Uma coisa esquizofrênica. Diria que o desenvolvimentismo ganhou espaço em relação ao primeiro mandato, mas na essência o modelo não mudou”.

### **Após tantos ajustes, o Brasil de hoje tem um ambiente favorável ao desenvolvimento?**

Se esse discurso fosse verdadeiro, por que o Banco Central (BC) deveria estar elevando mais uma vez a taxa de juros? A posição do banco já se alterou novamente mesmo com a conversa de solidez dos tais fundamentos macroeconômicos. O modelo econômico vende a idéia de fazer lição de casa, que é uma expressão horrível. Agora, então, deveríamos estar cuidando do que interessa ao país, mas aí vem a inflação dos alimentos, a crise externa etc. Esse modelo de abertura financeira, metas de inflação, é um engodo. Não visa a propiciar aos países o desenvolvimento sustentável. Se não estamos prontos, não é porque deixamos de fazer o que nós foi recomendado.

### **Os ortodoxos também reivindicam a bandeira do desenvolvimentismo...**

Ninguém poderá admitir que não está preocupado com o desenvolvimento. É o mesmo caso da inflação. Nenhum economista poderá dizer que inflação é bom. A questão é de hierarquia de valores. Eles vão dizer que o Estado deve ficar fora de qualquer tipo de planejamento, irão defender a política monetária super-restritiva, que cortar gastos é o melhor caminho para o país, quando sabemos que, pelas origens do modelo, o desenvolvimento entra apenas como subproduto. Se der tudo bem. Não é um modelo, é um antimodelo, pois retira o Estado de cena.

### **Como esse ‘antimodelo’ pôde se im- por?**

No Pós-Guerra foram os conservadores que saíram de cena. Predominava o modelo keynesiano de Estado de bem-estar social. Essa visão de que não se pode deixar o mercado resolver tudo, dada a fragilidade das elites locais, proliferou particularmente na periferia. O Estado tomou os setores-chave e o papel de vagão da locomotiva. Chamou-se a isso de desenvolvimentismo. No Brasil, criamos Petrobras, CSN e estruturamos todos os setores estratégicos. Hoje dizem que o neoliberalismo está se retraindo, que o Banco Mundial e o FMI mudaram, mas não me parece, pois, em países como o nosso, eles ainda têm muito espaço. Continua na mídia a discussão sobre reforma da Previdência, reforma trabalhista. Tudo começou a mudar a partir dessa visão de que o Estado é sempre ruim. Quem não reza na cartilha é neobobo, jurássico, atrasado. E não foram feitas ainda todas as reformas prescritas pró-mercado. Argumentam que a lição de casa não teria sido feita por completo.

### **O governo tem garantido, ao menos, a estabilidade macroeconômica e atacado os gargalos de infra-estrutura, como defendem os conservadores?**

Mesmo dentro dessa visão, o governo não está sequer atacando gargalos. Teria de construir um ambiente favorável aos negócios, às reformas microeconômicas. Mas a estabilidade macroeconômica para eles é comandada pela estabilidade monetária. Algumas reformas foram feitas, como Lei



de Falências, Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), abertura financeira. Tudo para criar um ambiente favorável ao cumprimento de contratos. Se concordarmos que o que mantém estabilidade monetária é essa política maluca, o que acontece com a estabilidade fiscal? Há desequilíbrio fiscal e, sobretudo, cambial, dada a cavalgar apreciação da moeda brasileira.

**Então, o modelo consegue apenas uma relativa estabilidade monetária?**

Ainda assim, preços estão sob controle, não pelos juros, pois com metade dessa taxa conseguiríamos. Não existe mais indexação e tivermos crescimento baixo, assim controlamos os preços. O câmbio também ajuda a controlar custos, pois acaba sendo um insumo em boa parte dos produtos. É mais uma questão de nível de preços e estrutura de preços relativos do que propriamente de inflação.

**O que acontecerá se a taxa de câmbio mudar para R\$ 2,20 por exemplo?**

Haverá impacto nos preços, mas demandará um tempo. Depois estabiliza. Não há mecanismos de propagação (indexação). Em 2002, tivemos alta do dólar, os índices de preços acusaram, levaram uns quatro meses para absorver, mas depois os índices ficaram inclusive negativos.

**PAC, Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, Lei de Inovação e PNP representam alguma ruptura com o modelo FH?**

Chega a ser uma contradição destinar alguns recursos adicionais para infra-estrutura e, de outro lado, matarmos o desenvolvimento com essa política cambial. Uma coisa esquizofrênica. Diria que o desenvolvimentismo ganhou espaço em relação ao primeiro mandato, mas na essência o modelo não mudou. Nosso ministro da Fazenda não compra briga com o BC, o que até faz um certo sentido na concepção geral. Afinal, o governo usou a retórica da arrumação da casa na primeira gestão e disse que agora retomaremos o crescimento. Acontece que dentro desse modelo, a primazia não é do crescimento. Há situações ambíguas. É melhor que estejam Marcio Pochmann, no Ipea, Paulo Nogueira Batista, no FMI, e Luciano Coutinho, no BNDES. Mas o modelo não mudou.

**O grau de investimento aproxima ou afasta o Brasil do chamado mundo desenvolvido?**

Se as consequências forem realmente um

aumento ainda maior dos recursos que entram via balança de capitais e nada for feito para controlar o câmbio, corremos o risco de estarmos nos afastando do mundo desenvolvido, no médio prazo. Todo o esforço de industrialização feito, que já foi parcialmente destruído nas últimas décadas, irá por água abaixo. Nos transformaremos numa economia primário-exportadora, dependente e presa a interesses de uns poucos. Ainda que seja verdade que grandes multinacionais tenham interesses aqui por causa da mão-de-obra barata e dos recursos naturais, estaremos colocando o país a serviço de interesses de poucos. Na realidade, o grau de investimento só é bom para aqueles que julgaram que a saída para o Brasil nesse capitalismo de hoje é tornar o país uma emergente potência financeira. O governo Lula tomou todas as medidas para acabar de abrir totalmente o Brasil e praticamos a maior taxa de juros do planeta. Não há ambiente mais favorável ao rentismo e à formação de uma economia primário-exportadora.

**De onde vem o poder dos rentistas se eles são tão poucos?**

Não podemos ser partidários de uma teoria maquiavélica da história. Há uma combinação de variáveis que, no caso do Brasil, deu nesse resultado triste. Primeiro, um partido que sempre se colocou à esquerda, que combatia essa política pró-mercado, chega ao poder e, por medo, abaixa a cabeça. Por outro lado, reforça essa visão perante a população como um todo. A política social acaba servindo de alibi. Além disso, claro, os interesses materiais que continuam a ter espaço. A combinação de fatores produz esse resultado. O que está ocorrendo depende de decisões passadas. Se enfrentasse o problema desde o início, e tinha cacife para isso, o governo estaria mais forte. Agora, o custo de mudar o modelo seria altíssimo – custo político e em termos de estabilidade econômica. Consolidou-se um ambiente altamente favorável ao rentismo. A pressão política ficou até secundária. A própria estrutura joga a favor da manutenção do rentismo. O governo Lula teve a sorte de pegar período de extrema calma, com taxas de crescimento mundial que não se viam há mais de duas décadas. Essa mesma conjuntura pode tornar-se nosso algoz, causando, por exemplo, a chamada doença holandesa.

□ **Rogério Lessa**